

A filha do Rei

Telma Guimarães Castro Andrade

Ilustrações Mariana Massarani

Temas Amadurecimento / Relação familiar / Diferenças sociais



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



2ª edição
72 páginas

O LIVRO *A filha do Rei* traz a história de uma menina que descobre que não é filha de um verdadeiro rei, como sua mãe sempre a fez supor. Enquanto faz suas descobertas, fala da mãe, da amiga gorda, dos problemas da favela, dos seus sonhos e dificuldades, tudo do ponto de vista do seu olhar de criança, reflexivo, próximo e verdadeiro.

COMPLEXIDADE DO TEXTO 11 a 14 anos.
A leitura exige fluência e bom nível de compreensão.



Dica

A presença de um rei na história é um bom mote para a reflexão sobre a fantasia e o desejo. Geralmente os pré-adolescentes sonham em ser invisíveis, em voar, em realizar as tarefas mais árduas num passe de mágica, fatos que não deixam de ser releituras dos contos de fadas.

Dica

Chamar a atenção para esse narrador que vai se deixando conhecer é uma forma de trabalhar com os alunos os diferentes focos narrativos. Uma maneira de fazer isso é pedir a eles que respondam: quantos anos tem Raquel quando conta a história? O que dá para saber do jeito dela pela forma que narra? Como ela é, no que acredita, onde mora? E, enquanto os alunos fazem sugestões, o professor deve ir alinhavando e ajudando-os a compreender por meio de quais caminhos eles chegaram a certas conclusões e quais foram os outros caminhos que deram margem a tantas percepções subjetivas.

POR QUE ESTE LIVRO?

É do conhecimento comum que “a adolescência é a passagem para a vida adulta”. No entanto, raramente se pensa na transição da infância para a adolescência — a pré-adolescência. E é justamente aos pré-adolescentes que este livro é indicado.

Nessa fase é muito recorrente a criança lembrar coisas que fazia e pensava quando era bem pequena. Perceber que tem um passado e uma história assegura à criança quanto cresceu e amadureceu, aproximando-a da adolescência e, indiretamente, do mundo adulto.

Raquel refaz toda a sua história de menina. Da idealização de um pai Rei ao amor por um pai real. E, durante o percurso, vai tangendo vários assuntos sociais e atuais: fala da pobreza, da imagem corporal, de outras histórias de família, de sonhos, de violência e de acolhimento.

As histórias de reis e rainhas são um dos grandes marcos entre ser criança pequena e ser grande. Fadas, princesas e príncipes são coisas de criancinha. *A filha do Rei* resgata essas histórias de outra forma. O rei é aquele mesmo dos contos de fadas, poderoso e bondoso, mas a realidade de Raquel é tão dura que talvez o leitor chegue a pensar que a melhor das hipóteses para a menina seria que ela tivesse mesmo um pai dos contos de fadas. Esse exercício de se permitir olhar novamente repertórios infantis colabora para que a criança perceba que crescer é agregar, reinterpretar, e não romper os laços com o passado.

O TEXTO LITERÁRIO

Quantos anos terá a Raquel que nos conta essa história? Em algumas passagens parece crescida e reflexiva; em outras, uma menina pequena diante das idealizações e descobertas que faz. De qualquer forma, é alguém que deixa o leitor se aproximar e ouvir-lhe os pensamentos e temores, sem muita preocupação em se apresentar. Só revela o seu nome no segundo capítulo; a sua idade e as suas características físicas, ela as mostra quase por acaso, no meio do enredo. Raquel está mais preocupada em contar a sua história, não com a intimidade de um diário, mas com a liberdade de quem confia no seu interlocutor.

A autora em nenhum momento subestima a capacidade do leitor. Cria termos para expressar ideias, como “boca de sorriso-

Dica

A liberdade com que a autora utiliza a língua é um bom tema para refletir com o grupo. Por que ela pode? Como saber se é um uso por opção ou indevido? Que outros indícios existem de que ela sabe o que está fazendo?

Com os alunos maiores, é possível fazer um paralelo com a linguagem utilizada pelos jovens em *chats* e *e-mails*.

Pode-se sugerir que eles escrevam um texto utilizando essa linguagem, como “bm u q vc dic naum concordu”, e perguntem a várias pessoas o que está escrito, observando as reações e o tempo que elas levam para entender a frase. Nesse exercício, deve-se ressaltar a importância de uma linguagem-padrão para que as pessoas sejam compreendidas por um grupo maior.

-nem-sempre”, e não se preocupa em explicitar a *posteriori* as suas brincadeiras com as palavras, como os trocadilhos com os nomes das doenças. Além disso, o fato de ser um texto narrado por uma criança e em primeira pessoa deu à autora a liberdade de usar uma linguagem coloquial e próxima da oral, como em “eu amo muito ela”, embora seja gramaticalmente incorreto.

Durante a narrativa o leitor torce para que o pai de Raquel seja mesmo um tipo de rei, para que ela não seja ridicularizada pelos amigos e para que não sofra. O envolvimento é criado pela maneira como o leitor vai entrando na vida de Raquel, conhecendo os seus pensamentos. O leitor é convidado a compactuar experiências com ela e isso o leva a ler todo o livro querendo ajudá-la.

Esse tipo de reflexão é muito importante para a formação de leitores críticos. O único cuidado a ser tomado deve ser o de não induzir um olhar ou uma opinião. Portanto, proponha, se possível, exercícios de antecipação da história, para que o aluno não encare a leitura com mera tarefa escolar, e sim como uma oportunidade de refletir.

EM TEMPO

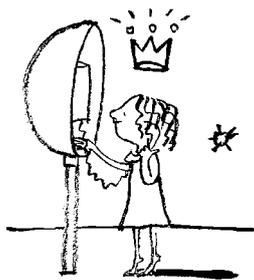
Na maioria das espécies animais os filhos nascem de um pai e de uma mãe, quer se trate de pássaros, peixes ou mamíferos. Algumas espécies mantêm convívio com as crias por mais tempo, enquanto outras se afastam do filhote logo depois que ele nasce. Em algumas espécies, pai e mãe se ocupam da criação juntos; em outras, não. Seres humanos costumam estender esse cuidado e convívio pela vida toda.

Pai e mãe são referências importantes. A estrutura familiar — como a conhecemos — é consequência de muitas transformações ao longo do tempo; o papel dos pais acompanhou as mudanças sem perder a sua função e a sua importância.

A diversidade de estrutura familiar se mostrará ainda mais rica se considerarmos as diferenças sociais e étnicas ao longo da evolução do tempo. Por exemplo, em sociedades onde a poligamia é aceita, as casas não são habitadas por pai-mãe-filhos; por isso, os filhos provavelmente crescem com uma imagem e uma proximidade paterna diferentes daquelas experimentadas por crianças de lares nucleares.

Muitas pesquisas indicam a Revolução Industrial e o surgimento de uma burguesia cada vez mais forte como os fatores





Dica

Propor ao grupo uma pesquisa sobre estrutura familiar. Pode ser desde uma perspectiva histórica e centrada na família como os alunos conhecem ou, ao contrário, uma pesquisa que vise à diversidade atual de agrupamentos familiares. Depois, peça a eles que montem pequenos seminários para a troca de informações.

Dica

É bastante delicado discutir esse tema com o grupo sem que os seus integrantes tenham de se expor. E, conforme a constelação familiar, não é fácil compartilhar esse tipo de experiência sem causar, no mínimo, curiosidade nos colegas, um desconforto que deve ser evitado. Uma forma de conversar e chamar a atenção para as diferentes estruturas familiares é remeter o tema o mais distante possível da realidade do grupo, falar sobre as diferenças entre Yasmin, Bereba, Andrea e Raquel e, no decorrer da conversa, lançar questões que ajudem cada um a pensar na própria história.

responsáveis pela modificação da estrutura familiar que deu origem àquela que conhecemos hoje. Segundo essas pesquisas, a burguesia foi se afastando e se fechando em bairros onde pudesse conviver apenas com os seus iguais. Apegou-se à ideia de “juntos até que a morte nos separe” como forma de garantir que os bens não lhe fugissem das mãos, e separou o local de trabalho do local de convivência familiar, transformando o lar em algo quase sagrado. As funções familiares eram claras: o pai supria a família de bens materiais e ditava as regras, numa espécie de ponte entre o mundo externo e a família. À mãe cabia cuidar de todo o funcionamento interno do lar. Embora já bastante modificado, esse modelo predomina até hoje.

Atualmente, muitos lares são mantidos por mulheres, uma mudança social significativa, que será referência para a formação de Raquel. Com a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho, a jornada se estende e amplia-se — a mulher trabalha fora e ainda cuida da família.

A autora do livro fala de cinco pais: a) o pai-Rei, que tudo pode e tudo tem. É afetivo, compreensivo, seguro, rico e idealizado; b) o pai-Rey, que não cuida, mas não nega ser o pai. A ele faltam recursos afetivos e materiais; c) o pai-real, que cuida, impõe limites, afaga e trabalha. Não está sempre disponível, mas é constante; d) o pai-ausente (Yasmin e Bereba) — um bebe e o outro agride, dois exemplos de um mesmo pai: não ouve, não dá suporte, não protege e abandona os filhos, mesmo quando está dentro de casa; e) o não-pai (Andrea), aquele que não existe e com o qual a filha já nem sonha.

As caracterizações, embora colocadas de forma estanque, servem para refletir as muitas formas de ter ou não um pai. Morar com o pai não significa ter afeto paterno. Yasmin, por exemplo, nunca tinha ouvido “eu te amo” do pai dela. Existem pais que moram com a família, mas não são “presentes”, e outros que moram longe e que estão muito presentes afetivamente. Ou seja, apesar das mudanças na organização familiar e da importância da figura dos pais para o desenvolvimento da criança, é necessário desvincular a ideia de felicidade da ideia de família tradicional.



Dica

A forma como Raquel descreve o seu bairro e as coisas que foram feitas para melhorá-lo possibilita uma discussão sobre cidadania. Pode-se pedir aos alunos que anotem, no trajeto da escola para casa, o que veem pelo caminho que necessita reparo ou que funcionaria melhor de outra forma. No dia seguinte, o contrário, no trajeto de casa para a escola, propor que anotem o que qualificam como eficiente ou bem solucionado. Trocar as informações pensando em soluções

O livro permite traçar um paralelo entre a esfera familiar e a esfera social de Raquel. As dificuldades da mãe trabalhadora, as dificuldades econômicas, a sensação de abandono e de falta de proteção terminam sendo o desencadeador das mudanças que acontecem com a protagonista.

A filha do Rei trata de muitos temas que mobilizam a atenção: a pobreza, a violência, o poder do tráfico de drogas, o racismo, a imagem corporal, os pais omissos. Todas essas questões merecem cuidado na hora de ser levantadas, porque, enquanto algumas são controversas, outras tocam diretamente na autoestima das crianças.

viáveis levantando questões sobre o funcionamento da cidade, dos órgãos competentes e do seu papel.

DICAS DE LIVROS

PARA O PROFESSOR

História da vida privada. Vários autores, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

História social da criança e da família. Phippe Ariès, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

Teoria crítica da família. Mark Poster, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.

REFLETINDO COM OS ALUNOS

Este livro aborda um grande leque de temas que podem ser desenvolvidos em sala de aula. O cenário onde se passa a história é real e a problemática de fundo cada vez mais comum: mudanças na estrutura familiar, a vida de trabalhadores de baixa renda obrigados a conviver com a violência e com a disputa diária de poder... Esse é um bom início para discutir desigualdade social, urbanização, cidadania, direitos e responsabilidade social.

O professor pode propor aos alunos que, com a ajuda do professor de história e geografia, pesquisem as causas que fizeram com que essa realidade chegasse a tal ponto.



Depois, podem fazer um levantamento sobre os trabalhos sociais que buscam melhorar a qualidade de vida nas favelas. Como conclusão, os grupos devem fazer outras propostas para a melhoria de um dos aspectos levantados por eles.

Também é interessante levantar uma discussão sobre o *rap*, começando pela análise da letra criada pela autora.

“O samango caiu,
deu azar de sujar,
tá ligado?
O couro ia comer,
foi toque de recolher...”

Na sequência os alunos podem pesquisar *raps* e analisar as letras, a sua origem e importância social. No final podem apresentar as suas conclusões compondo um *rap*!

Outra questão, a da imagem, é abordada pela autora pelas personagens Raquel, que se acha feia, e Andrea, que não demonstra ter muitos problemas em ser gorda, mas lembra a imagem estereotipada de “menina gorda”.

É um tema bastante pertinente para essa faixa etária. Uma forma de abordar a questão é iniciar uma discussão sobre padrões estéticos, observando o apelo contido nas propagandas e na quantidade de ofertas cosméticas no mercado atual e, assim, ir se aproximando da imagem que os alunos têm de si.



ELABORAÇÃO SILVINHA MEIRELLES;
PREPARAÇÃO ROSAMARIA GASPARETTO;
REVISÃO MÁRCIA MENIN E ELVIRA CASTANON